

ADORÁVEL NOITE

Outubro / 2013



Foto: Rosana Raven - <http://rosanaraven.tumblr.com/>

Contos de Vampiros e Terror

www.adoravelnoite.com

ADORÁVEL NOITE

PRODUÇÃO E COLABORAÇÃO

CRIAÇÃO, ADRIANO SIQUEIRA - SIQUEIRA.ADRIANO@GMAIL.COM



Vampiros da internet:

<http://www.contosdevampirosseterror.blogspot.com.br/>

<http://www.adoravelnoite.blogspot.com.br/>

<http://www.adoravelnoite.com>

<https://www.facebook.com/groups/184469604470/?fref=ts>

<https://www.facebook.com/pages/Adoravel-Noite/170914879624002?fref=ts>

<https://www.facebook.com/adriano.siqueira?fref=ts>

“ Mestiça ”

Elenice Netto <ecinelenetto@gmail.com>

“Então ela chegou, de repente, sem avisar.
Eu estava sentada na frente de um lindo lago.
A lua refletia a sua imagem nele.
Toda bela e cheia.... Tão imensa e redonda.
Minha natureza animal perfeita, voraz e
destemida se rendeu.

Rendeu-se aos seus caprichos de vampira.
Rendeu-se aos seus encantos de beleza e força...
Minha natureza animal cedeu e num ímpeto
rápido ameaçador extinto, saltando em cima de
mim ainda fera, fui mordida, e ali sucumbida neste frenesi de loucura e dor...
Entregue á loucura da transformação...”



Insano

Helio Flavio <helioflavio41@hotmail.com>



Ao lado da minha casa havia um condomínio abandonado, já fazia alguns anos que os técnicos exigiram que os condôminos saíssem por falta de estrutura adequada. Assim o tempo passava e o prédio ficava cada vez mais deteriorado e adquiria um aspecto meio assustador, com isso os garotos da rua criaram lendas a respeito do lugar, dentre elas a “Lenda do Vampiro”, diziam que quem entrava no prédio corria o risco de ser atacado por ele. Eu sempre achei engraçado essas lendas urbanas, realmente nunca dei atenção para esse tipo de coisa.

Certo dia eu estava voltando atrasado do estágio, já era tarde, cerca de oito e meia da noite e os garotos estavam jogando bola na rua, mas um deles acidentalmente a jogou para dentro do pátio do prédio, a bola rolou para a escuridão e não pôde ser mais vista.

- Ô tio! - um dos garotos gritou acenando para mim - Pega a nossa bola que caiu lá dentro, por favor?

Eu estava cansado, mas fiquei com pena da expressão de choro do garoto, deixei a mochila no chão, peguei a lanterna que estava dentro e me preparei para pular a grade, quando uma garota puxou a minha camisa.

- Não faz isso não moço, você não tem medo do vampiro?

Eu apenas sorri e continuei escalando a grade, de repente já estava lá dentro. Senti os olhos aflitos dos garotos atrás de mim enquanto eu andava para dentro do prédio. Havia logo na entrada um estacionamento, gritei para os garotos: “Ela caiu por aqui?” e eles acenaram freneticamente com a cabeça. “Não tem nada aqui!”.

- Ele pegou a bola moço! - gritou a mesma garota que queria me impedir de subir a grade - Eu vi enquanto o você pulava!

Não dei atenção e continuei andando por ali, encontrei um lance de escadas logo à direita e comecei a subir. Naquele momento eu detestei admitir, mas subitamente senti um medo inexplicável, eu não conseguia ver o final da escadas e o ar tornou-se estranhamento gélido. Continuei mesmo assim inflamado de falsa coragem, acreditando que não havia nada ali senão a bola dos garotos.

No último degrau eu vi a bola surrada dos meninos, estava lá parada, mas notei que estava suja de alguma coisa e imaginei que seria barro ou algo do tipo, mas quando me aproximei mais e a peguei percebi que era sangue. E ali o terror me consumia inteiramente, pois uma bola não tem pernas para subir escadas.

Quando pensei em sair correndo dali minhas pernas me abandonaram, simplesmente não se moviam. Tentei manter a calma e parei para observar, iluminando com a lanterna vi que havia um longo corredor e várias portas em cada lado, nas paredes haviam vários quadros de arte, todos eles assinados pela mesma pessoa. Um deles mostrava figuras encapuzadas empunhando facas de metal reluzentes e apontando-as para um homem de cabelos grisalhos e olhos vermelhos; outra mostrava uma donzela sendo perseguida e uma delas que me chamou mais atenção revelava um rapaz de meia idade, com vestes aristocratas, sua boca se abria num sinistro sorriso em que era perceptível seus caninos ameaçadores e pontiagudos. Vi que o mesmo rapaz figurava em todos os quadros, era ele quem perseguiu a donzela e quem fugia das figuras encapuzadas da primeira obra. Um pouco mais distante observei outro quadro, havia um homem parado ao final de um lance de escadas com uma expressão de terror, segurava uma bola em uma das mãos e na outra uma lanterna, era eu! Senti ainda mais medo e minha espinha congelava, queria correr mas não conseguia. Notei que a pintura parecia se mover, na verdade algo a mais parecia estar sendo pintado nela e surgiu então atrás do meu “eu” no quadro aquele mesmo homem de cabelos grisalhos, o mesmo sorriso insano e os olhos vermelhos reluzentes, ele estava de cabeça para baixo, como se estivesse pendurado no teto e seu rosto estava ao lado do meu. Senti uma respiração no meu rosto e não me atrevi a olhar, eu sabia que era ele. Seu dentes cravaram em meu pescoço, foi como receber duas alfinetadas profundas, a dor era imensurável, meu sangue jorrava para a boca da criatura e fui me sentindo cada vez mais fraco até que caí no chão pois não consegui me sustentar em pé. Senti duas mãos agarrarem meus tornozelos e meu corpo começou a ser arrastado pelo do corredor até uma sala qualquer, enquanto fazia isso o vampiro assobiava uma cantiga sinistra. Meu último vislumbre antes de fechar os olhos foi o seu sorriso, aquele mesmo sorriso perturbador presente em todos os quadros.

Marcas no Pescoço

Alvaro Domingues - <http://blogdopainerd.blogspot.com.br/>



Assustou-se ao ver uma mancha roxa no pescoço da irmã, mas não perguntou nada.

Ele só tinha oito anos, mas sabia tudo sobre aquilo: sua irmã tinha sido atacada por um vampiro.

Isso explicava o comportamento estranho dela, desde que fizera dezesseis anos: dormia até tarde, irritava-se com a luz solar e saía muito à noite. Sua mãe não ligava, e dizia, quando ele manifestava suas suspeitas, que era apenas adolescência. Que ele entenderia quando chegasse sua vez.

Talvez a mãe soubesse do estado da filha e estivesse escondendo. Ficou preocupado com o “quando chegasse sua vez”. Viraria um vampiro também? Talvez sua mãe também fosse uma. Mas ela sempre levantava cedo para levá-lo à escola. Mas e aquele livro que sua irmã lera que tinha vampiros que brilhavam sob o sol?

O jeito era descobrir. Alho, estaca e crucifixo? Sua irmã detestava alho! Mas espere! Ele também! E desde sempre. E ele ainda não era um vampiro! Portanto o alho não servia pra nada.

A estaca, só como último recurso. Mesmo que a irmã fosse um vampiro, nunca iria lhe espetar uma estaca no coração (na realidade, a estaca era um pedaço de cabo de vassoura, apontado a facão, como um lápis). Restava o crucifixo. A avó lhe dera um grande, por conta da primeira comunhão.

Ficaria esperando quando ela voltasse de uma de suas saídas noturnas, a surpreenderia e mostraria o objeto religioso. Levaria a estaca também, por via das dúvidas, caso ela o agredisse.

Foi que fez. Ficou escondido na sala, atrás da cortina, esperando que ela abrisse a porta. Ela chegou, mas não estava sozinha. Um rapaz todo de preto a acompanhava. Os dois, ainda na penumbra, sentaram-se no sofá. E logo começaram os abraços e beijos. Foi quando ele procurou novamente o pescoço da moça. O garoto não se conteve. Com um urro pulou de trás da cortina, bradando crucifixo e a estaca.

O rapaz levou um susto e berrou:

– Quem é esse maluco?

– É o meu irmão! – respondeu a garota.

Ele olhou para o menino, cheio de pavor, e continuou gritando:

– Eu que não fico nem mais um minuto aqui!

E saiu correndo pela porta de entrada.

A irmã se voltou pra ele fura! Ela queria estrangulá-lo, gritando:

– Seu moleque do capeta! Você espantou meu namorado!

ADORÁVEL NOITE

– Seu namorado? Pois ele é um vampiro! – retrucou o menino.

A gritaria acordou sua mãe, que apartou a briga com um sabão bem dado nos dois. Quando tudo ficou mais calmo, o garoto contou à mãe o motivo da briga. A marca roxa. A senhora gargalhou, deixando o menino perplexo e explicou:

– Isso é um marca de um beijo um pouco mais afoito do rapaz. Sua irmã permitiu alguns avanços demais (depois eu acerto com você, mocinha!) do namorado. Não é o beijo de um vampiro!

O garoto, envergonhado, voltou para a cama. Não perturbaria mais a irmã, mas ainda deu um último olhar desconfiado pra ela, antes de subir pro quarto.

No dia seguinte, a mãe e a moça foram procurar o namorado, para esclarecer “algumas coisinhas”. Chegaram ao endereço que ele fornecera e encontraram....

... uma casa abandonada.

Um arrepiro percorreu o corpo das duas...



Segredos

Huevillyn Cipriano Romão <huevillyn.romao@gmail.com>



No escuro, logo a frente uma voz dócil e prazerosa, sussurra para mim, era simplesmente contagiante como um imã que nos puxa em direção a ele. E depois só sente sua penetrante e afiada mordida fria, que aos poucos deixam meus olhos sem direção, vagos no relento da noite, lento e ao mesmo tempo rápido. Meu corpo começa a ficar mole sem estrutura, minha alma é sugada em fração de

segundos, o meu passado vai se esvaindo sendo esquecido, ou até mesmo apagado, minha voz diminui vários decibéis... Ao termino uma sensação dolorosa de morte e necessidade de algo a mais para viver do que oxigênio, é suplicante. Sangue é a razão da minha jornada, não chamada de vida, porque já não possuo mais vida, só um corpo vazio, sem alma, sem sentimentos, só um corpo perfeito e desejável, para a atração de ingênuos como eu, para perderem a vida e serem dependentes da vida dos humanos assim chamados! Maldita seja minha espécie que suga a alma de outros, e se me contenho para não querer fazer mais vitimas, fico fraca, e sem forças para lutar contra esse desejo e ambição por mais sangue, me vence, fazendo-me ir atrás de mais e mais, e sempre. E o gosto que passa por minhas presas inimagináveis é dolorosamente maravilhoso fazendo-me ter mais sede.

Vamps

Renato A. Azevedo <renatoalaz@uol.com.br>

A noite de Halloween havia caído, naquele ano, em plena sexta feira, e o diretório acadêmico acabou realizando uma comemoração.

Como era habitual, muita cerveja e música, as garotas dos outros cursos, engenharia civil, direito, administração, compareceram em peso. Era difícil para Eduardo e seus amigos se decidir por uma. Durval, já meio bêbado, comentou:

— Meu, só tem gostosa, pena que nossa turma não é assim!

Como estudantes do terceiro ano de engenharia eletrônica, já estavam habituados a frequentarem as aulas com predominância masculina nas salas.

Todos riram do comentário. Até mesmo os que já namoravam aproveitavam a ocasião para “chavecar” um pouco. Eduardo, líder da turma, já noivo de Manuela, era um destes. Foi quando a notaram.

Nissei, magra, mas de corpo escultural. Rostinho delicado, um anjo, cabelos bem cuidados presos em rabo de cavalo. Camisa branca, saia curta preta, meias brancas e sapatos pretos. Nem parecia universitária. Caio, já na sexta lata de cerveja, disparou:

— Meu, eu acabei de ver essa “mina”, quando fui ver a Susana no primeiro ano de Economia. Muito gostosa, não conseguia parar de olhar!

Todos riram, e alguns se levantaram para ir “catá-la”, mas Eduardo se adiantou, dizendo:

— Não mesmo, caras, essa é minha!

— A Manuela vai ficar muito interessada nisso - riu

Durval.

O outro olhou sério, e respondeu enquanto tirava a aliança da mão direita:

— Enquanto não subir ao altar, tá liberado, vocês sabem...

Riu, e saiu andando. A garota havia encostado em um canto, observando a festa com jeito tímido, abraçando os livros na altura do peito. Eduardo a mediu de cima a baixo várias vezes, pegou no balcão duas latas de cerveja, e parou bem junto da recém chegada:

— Oi, tudo bem? Quer uma cerveja?

Ela sorriu levemente, pegando a lata e bebendo um gole. Eduardo virou-se para a turma, que fazia micagens sem parar em sua direção, lançou-lhes um olhar autoritário, e encostou na parede ao lado da garota, cuja altura mal chegava a seus ombros.

“Essa tá no papo!”, pensou de si para si, enquanto perguntava:

— Está gostando da festa?

Ela nada disse, mas um “han-han” afirmativo animou Eduardo. Ele começou a falar, dizendo seu nome, o curso que frequentava, e finalmente, perguntou:

— E seu nome, qual é?

A garota olhou para Eduardo, e ele sentiu uma estranha sensação diante daqueles olhos escuros, perdidos no rosto lindo e delicado. Finalmente, com voz angelical, ela respondeu sorrindo:

— Geiza.

Ele novamente sentiu que valia a pena prosseguir, e pousando o braço em seus ombros, perguntou:

— Gostaria de ir a algum lugar mais tranquilo?

Ela observava o ambiente, aquelas cerca de quarenta pessoas dançando, bebendo e conversando no salão, a



ADORÁVEL NOITE

decoração cheia de fantasmas, morcegos, algumas abóboras, e olhou para Eduardo, séria. Depois, virou o rosto, para a mão pousada em seu ombro, beijou-a com extrema delicadeza, voltou-se para ele e respondeu:

— Claro, por que não?

Em instantes estavam em uma sala vazia nas proximidades. O som alto era ouvido com clareza, e Geiza largou os livros e a bolsa em uma das cadeiras, sentando-se ao lado de Eduardo na mesa do professor.

Ele não se fez de rogado, beijando o pescoço da garota, que parecia resistir. Suas mãos deslizavam por sua perna, até chegar embaixo da saia. Geiza pareceu se assustar, pois o empurrou com as mãos em seu peito, dizendo:

— Ei, você não está sendo muito apressado?

Eduardo, contrariado, a pegou pelos ombros, deitando-a na mesa, dizendo a poucos centímetros de seu rosto:

— Então, por que concordou em vir para cá? Você vai gostar, eu prometo...

Voltou a beijá-la, sufocando seus protestos, enquanto enfiava a mão por baixo da saia de Geiza. As pequenas mãos dela tentavam impedi-lo sem êxito, quando deitou-se sobre ela, já tentando desabotoar a camisa. Parecia que a débil resistência de Geiza apenas incentivava Eduardo a ir adiante:

— Você vai gostar, fofinha, relaxe... Deixe rolar, não resista...

Por um momento, ele parou, observando o rosto belo e delicado da garota. Finalmente, Geiza abriu os olhos, encarando-o, sorrindo de um jeito bem sacana:

— Deixar rolar? Uhn... tudo bem!

Agarrou o pescoço de Eduardo com uma força que o surpreendeu, derrubando-o no chão. O universitário ainda estava zozinho com a surpresa, quando Geiza caiu sobre ele, travando seus movimentos. Eduardo olhou para ela em pânico, e a última coisa que viu foram os olhos vermelhos, e as presas que despontavam em sua boca.

Geiza lançou os dentes sobre o pescoço dele, rasgando a pele e bebendo o líquido quente com avidez.

Instantes depois levantava, vitoriosa e satisfeita, em pleno êxtase. Viu um lenço despontando no bolso da calça dele, arrancou-o e limpou os lábios sujos de sangue com o mesmo.

Observou a expressão apavorada, lívida e sem vida de Eduardo, jogando o lenço sujo sobre o corpo.

Apanhou a bolsa e os livros, saindo calmamente da sala. O som da festa ainda era ouvido, e Geiza caminhou na direção contrária. Seu celular tocou nesse instante, ela atendeu, e disse:

— Você me pega em frente ao pátio? Ótimo, estarei lá!

Chegou ao local combinado, saindo sem problemas do campus, olhando para as estrelas no céu, e dizendo, feliz e saciada:

— Adoro o Halloween!

Os mesmos dois rapazes que ela vira na noite anterior, em frente a casa noturna especializada em pagode e gafeira, voltaram a aparecer.

Ela veio andando pela calçada, passando por dois outros bares e uma oficina mecânica, ainda aberta aquela hora da noite. E em todos esses, a platéia masculina a olhava com avidez, e quando havia mulheres presentes, estas lançavam-lhe olhares de pura inveja.

Mais de uma começou a gritar com o namorado, ou o que fosse, “por ficar olhando para aquela vagabunda!”, conforme Deise ouviu. Não que ela ligasse, estava mais interessada em outras coisas.

Continuou andando. Vestia um sobretudo de couro que terminava um pouco acima dos joelhos. O som dos saltos altos das botas de couro parecia música aos que a observavam passar. A pele cor de café com leite, os cabelos longos e muito lisos, os olhos negros e o sorriso frouxo dos lábios carnudos e vermelhos levavam vários dos homens por que passara a soltar um “gostosa!”, “vem cá, meu bem...”, ou “quer ser minha namorada?”, além, claro, de propostas muito mais indecentes.



ADORÁVEL NOITE

Deise nem ligou. Não havia absolutamente nada ali que a preocupasse. Sua atenção estava focada apenas nos dois rapazes, um mulato e um negro, altos e fortes, mal saídos da adolescência. Passou por eles, lançando a cada um olhar cheio de segundas e terceiras intenções.

Eles estavam em um grupo de amigos, e todos começaram a olhá-la e fazer aqueles comentários de baixíssimo nível. Por um momento, Deise lembrou de outros tempos, quando se sentia ofendida. Que boba era, na época! Agora, tudo era diferente. Ela descobriu, finalmente, que o poder sempre fora dela.

Parou e voltou-se, percebendo que os dois haviam se adiantado. Os amigos, lá da porta da casa noturna, riam e faziam piadas sem parar.

Deise veio andando, passando pelos dois, parando e dando as costas ao grupo, que não parava de gritar. Olhando de forma sedutora para ambos, desamarrou a faixa da cintura do sobretudo, e o abriu de uma vez, para que apenas seus dois escolhidos a vissem.

A expressão deles, um misto de surpresa, admiração e excitação, ao vê-la totalmente nua por baixo do casaco, sozinha já compensaria pela aventura. Pelos segundos que Deise se exibia, eles não conseguiram tirar os olhos de seu corpo perfeito.

Quando julgou que já era suficiente, voltou a fechar o sobretudo. Os dois mantinham uma expressão de absoluta estupefação, e Deise se voltou e sorriu para a turma, que não parava com sua bagunça. Virou-se e caminhou para a dupla, passando os dedos pelo queixo de cada um como um convite.

Andou até uma viela no final do quarteirão, ao lado da última casa, que estava abandonada. Entrou no lugar escuro, onde havia amontoados de lixo aqui e ali, e parou perto de uma lata de lixo. Voltou-se, e viu os dois, parados a pouca distância.

Sem pudores, Deise abriu o casaco, desta vez tirando-o e o deixando sobre a lata de lixo. Exibiu-se nua, só de botas e com um sorriso orgulhoso nos lábios.

Eles não esperaram mais, e logo Deise tinha os dois para si, um a abraçando por trás e agarrando seus seios, outro a possuindo pela frente, ao mesmo tempo que passava as mãos por todo seu corpo. Era um ato selvagem, quase animalesco, e eles já estavam sem fôlego logo depois de começarem.

Mas não Deise, que era quem, na verdade, possuía a ambos naquela viela escura. E na escuridão, o rapaz a sua frente não reparou quando ela trouxe a cabeça do outro para perto, enterrando os dentes em seu pescoço.

Ela estava tão excitada que bebeu o sangue todo em instantes. Só quando seu amigo caiu sem vida, é que o outro sentiu que algo parecia errado.

A meia luz, viu o amigo caído, abriu a boca para dizer algo, mas o corpo escultural de Deise o distraía. A abraçava e apalpava sem parar, e finalmente a beijou. Foi quando sentiu.

Sentiu sua boca sendo rasgada, o sangue escorrendo, e a voz que não saía. Quando finalmente a mulata o largou, tentou gritar ao ver, em um jogo de luzes e sombras, os compridos caninos em sua boca. Mas já não tinha mais forças.

Em um último orgasmo, ela o mordeu no pescoço, bebendo o restante do sangue ainda quente. Um segundo corpo sem vida caía ao chão.

Deise apoiou-se na parede, satisfeita e saciada, acariciando seu corpo nu. Instantes depois, apanhou o celular no bolso do sobretudo e teclou um número. Quando Geiza atendeu, disse:

— Já estou indo te pegar para passarmos na casa da Maria. Tá, tchau!

Apanhou o sobretudo, e sem vesti-lo saiu caminhando nua até o carro, estacionado no final da viela. O som dos saltos das botas era a única coisa que se ouvia.

Minutos depois, um sedã negro estacionava diante do pátio da universidade, e Geiza entrava pela



ADORÁVEL NOITE

porta de trás. A nissei trocou um beijo de bochechas com Deise, enquanto admirava as formas da mulata, agora de short preto e blusa de alças cinza metálica. Perguntou:

— E minha roupa, você trouxe?

Deise riu, e respondeu:

— Por que vai se trocar? Os rapazes adoram esse look colegial...

Geiza não respondeu, tirando a roupa e vestindo uma saia xadrez vermelha, sandálias de salto alto com tiras que se enrolavam em suas pernas, e um top branco. Adorava chocar as pessoas com seu visual, e depois de passar para o banco da frente, soltou o rabo de cavalo e começou a arrumar os cabelos, prendendo-os em duas tranças, uma de cada lado.

— Será que Maria já acordou?

Deise ouviu a pergunta de Geiza, e deu de ombros. Em alguns minutos, de qualquer forma, ela acordaria com a chegada das amigas.

Maria era promotor. E, como tal, ninguém parecia ligar para o fato de que dormia de dia, e trabalhava à noite.

Trabalhar não era bem o termo, ao menos para ela. Agitar seria bem mais adequado, pois amava o que fazia. Gostava da noite, das festas, do glamour...

Acordou com o telefone tocando, e antes de atender viu que já eram quase onze da noite. A festa começaria a meia noite, e felizmente, o galpão onde seria realizada não era longe. Além do mais, as amigas viriam buscá-la.

Imaginando serem elas, atendeu, mas ouviu uma voz masculina:

— Oi, será que te acordei?

— Uhn, acordou sim...

— Desculpe.

— Que nada, adoro ouvir sua voz... Estou com saudades...

— Maria, você sabe como me sinto.

Reinaldo era jornalista e escritor, e eles mantinham um caso havia uns cinco meses. Na verdade, era difícil conciliar horários, mas quando se viam... Maria mordeu os dentes de saudade e desejo, e disse:

— Sabe muito bem que jamais faria algo contra sua vontade... Só quero seu carinho, sua paixão... Seu tesão...

Ele suspirou, ficando alguns segundos em silêncio. Se contasse aos colegas, certamente o mandariam a um hospício. Quando Maria revelou seu segredo, Reinaldo a princípio não acreditou. Maria teve que mostrar-se, exibindo sua verdadeira natureza.

Fora arriscado, e o mais difícil para ela era se controlar quando faziam amor, ou apenas estavam juntos, assistindo a algum filme na televisão como se fossem um casal comum. Reinaldo realmente havia se afastado com medo após a revelação, e sumido por vários dias. Mas logo voltava a vê-la, atraído talvez por aquele gosto do proibido, do sacrilego, de ser um humano namorando alguém longe do que é definido como normal.

— Ainda está aí? - perguntou Maria sussurrando.

— Sim.

— Estou com saudades, queria te ver... Tenho um ingresso reservado prá você, vem, vai...

Custava a Reinaldo resistir quando ela estava assim, carente, falando daquele jeito tão meigo, tão sensual... Mas também tão perigoso! Lembrou-se da primeira vez que a viu, fazendo... Foi a coisa mais chocante que já havia visto, mas era ao mesmo tempo tão fascinante... A atração que nutria por ela aumentou ainda mais, tornando-se quase um vício.

Era isso! Um vício! Uma mania, uma maldição, da qual ele deveria se livrar! Mas veio a sua mente a imagem de Maria, doce, meiga, bela e delicada, os cabelos castanho-escuros meio encaracolados, caindo em cachos sobre os ombros, o jeito de menina, o corpo escultural, a pele alva e macia, seu cheiro, seu toque...

— Desculpe - ele respondeu. - Hoje realmente não posso, amanhã tenho que levantar cedo.

— Ah, que pena...



ADORÁVEL NOITE

Ela levantou-se, puxando o lençol de cetim que cobriu parcialmente seu corpo nu. Do outro lado do lençol, algo pesado caiu no chão, fazendo um barulho que Reinaldo não pôde deixar de ouvir, pois perguntou:

— O que foi isso?

Maria olhou na direção de onde viera o barulho, mordendo a ponta do dedo, e pensando no que dizer. Finalmente, respondeu:

— Reinaldo, você sabe que não exijo exclusividade... e sabe também que não a concedo... Para mim, basta ouvir sua voz, e o ver e tocar ocasionalmente... Mas sempre haverá outros.

Ele suspirou, lembrando como aquela situação já o havia deixado bravo anteriormente. Entretanto, o tempo de convivência já o havia ensinado que Maria era diferente. E, de qualquer forma, poderia dar-se por satisfeito, e disse isso a ela:

— Bem, ao menos sei que, por agora, tenho a certeza de acordar na manhã seguinte, depois de dormir com você.

Lembrou-se da última vez em que fizeram amor, quando, tomada pela excitação, Maria havia mudado. Reinaldo viu ali, em sua face demoníaca, os olhos vermelhos e os longos caninos, a face da morte, de sua própria morte... Mas logo a garota voltava ao normal, carinhosa como sempre, embora ele continuasse sentindo um certo incômodo, principalmente quando ela o beijava no pescoço.

— Acho que daqui a duas noites poderei ir ver você.

— Que bom, querido, é minha noite de folga! Esperarei ansiosa...

— Não me diga que está ansiosa! Para falar a verdade, isso ainda me assusta um pouco!

— Nunca farei mal a você, querido. Bem, sabe que há outra opção...

— Prefiro que, como das outras vezes que mencionou, deixe esse papo de me transformar de lado. Ao menos por hora.

Ela, como sempre, ficou um pouco frustrada, mas Reinaldo adivinhou que instantes depois Maria estava sorrindo, daquela forma adorável que fazia. Perguntou:

— E o cara dessa noite, quem era?

— Humpf! Um chato, participante de um desses reality shows... Queria porque queria participar da festa!

Reinaldo se arrepiou, mas novamente, aquela deliciosa sensação do proibido superava em muito o arrependimento, de saber de tudo aquilo e nada mencionar a ninguém. Esqueceu-se daquilo, e disse:

— Então, até daqui duas noites. Te amo.

— Também te amo, tchau.

Maria desligou, e constatou que seu “convidado” ainda vivia. Vestiu um roupão e chamou um táxi, despachando no mesmo o sujeito. Seu dom de ilusão faria o taxista esquecer quem era ela, e onde havia apanhado aquele passageiro moribundo.

Ela subiu, tomou um banho rápido, e terminou bem a tempo de receber as amigas, enrolada na toalha. Deise e Geiza a ajudaram na escolha da roupa, e depois de muitos palpites Maria escolheu um conjunto de blazer e saia (curtíssima!) pretos, e uma camisa branca. Sapatos de salto alto faziam a combinação perfeita e elegante, adequada a promover e dona da festa.

Logo, as três chegavam ao galpão, onde uma grande multidão se amontoava. Roupas e fantasias de todos os tipos, vozes altas e muita animação. Quando Maria e amigas chegaram, a turma abriu alas. As três examinavam atentamente cada alma ali presente, escolhendo qual deveria entrar e qual não, e quais seriam depois servidas aos pouquíssimos convidados vip...

A meia noite em ponto, a festa começou. Seria um Halloween e tanto!

Renato A. Azevedo

E-mail: escritorcomr@uol.com.br

Blog Escritor com R: <http://escritorcomr.blog.uol.com.br>

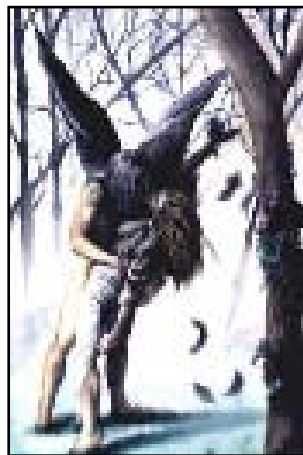
Autor de De Roswell a Varginha (Tarja Editorial, 2008); Autor de Filhas das Estrelas (Editora Estronho, 2011). Consultor da revista UFO (www.ufo.com.br). Co-editor do site Aumanack (www.aumanack.com). Autor convidado nas antologias Ufo: Contos Não Identificados (Editora Literata), e Extraneus Vol. 1 - Medieval Sci-Fi (Estronho/Literata). Participante das antologias Histórias Fantásticas Vol. 1 (Estronho/Cidadela), Imaginários 4 (Draco), A Fantástica Literatura Queer (Tarja Editorial), e Livros (Estronho).



Daniel nos braços da vampira

Andréa Costa <andrea.costa1976@uol.com.br>

Noite enfadonha, Daniel já havia batido seu “record” de cerveja. Sentia que havia perdido tempo, mas porque diabos teve um insight de sair de casa naquela noite??? Estava completamente eufórico na chegada ao “kasebre”, segundo ele mesmo, iria arrasar !!!! ...porém, pelo visto iria arrasar somente o colchão....rs. Mas como com intuição não se brinca, sua sorte (ou seria azar?!) virou a mesa. Estava procurando a chave de sua moto, o lugar estava meio vazio, escuro. Foi quando percebeu uma movimentação sutil ao seu lado. Levantou a cabeça, e lá estava ela. Esguia e doce fêmea, seu “tomara que caia” aveludado, sua calça jeans surrada, seus cabelos deliciosamente definidos em cachos lisos que caíam sobre um olhar enigmático....lábios carmin em que ele queria mergulhar no mesmo instante em que colocou seus olhos.... sem tempo de parada. Ele até chegou a achar que era uma pegadinha, aquela mulher não podia estar dando mole para ele (pensava). Mas estava....



Alexandra, desenhou nos lábios, um sorriso sexy e apertou os olhos, deu meia volta, passou os dedos no rosto de Daniel, e saiu.... Ele ficou sem ação! Olhou de um lado para o outro e não a viu mais.

Bom, achou que já tinha bebido demais e que tinha tido uma alucinação..... decidiu então ir ao estacionamento pegar sua moto. No escuro o vento congelava, cortava sua pele, e uma silhueta interessante o aguardava....

Daniel embasbacado, ficou parado, vidrado..... Alexandra, desceu da moto, veio em passos leves até ele..... enlaçou seu pescoço e o beijou como jamais ele havia sido, ao final encostou os lábios em seu ouvido e disse...em tom aveludado.

- Preciso de uma carona!

Ele não conseguia responder, a situação estava tão sem controle que ele disse....

-Até para o inferno!!!

- Hahaha, como adivinhou? Estava a tua espera! Não se deixa uma dama esperando!

Pensou ter tirado a sorte grande!!! Ninguém iria acreditar quando contasse.....e na verdade, mau sabia que não iria mesmo contar....rsrsrsrs....

_Sério, onde vamos? Quero morrer nos teus braços!!!!

_ Seu desejo é uma ordem gálio!!!

Antes de colocar o capacete, Alexandra deixa seus olhos brilharem num vermelho poderoso e suas presas reluzem como o mais puro marfim....

Lá vão eles pela estrada.....e fica aí uma lição muito boa....

“Cuidado com o que deseja, pode conseguir!!!”

.....mas acho que ele morreu feliz.....kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk.....nos braços da vampira....

Andréa Costa - Paulistana, bruxa e reikiana. Em seus contos procura fazer uma junção do fictício com o cotidiano real, tudo regado com humor sarcástico e um certo mistério. www.andreacosta-escritora.blogspot.com.br



Sujo de Sangue

Victório Anthony - victorio.anthony@yahoo.com.br

<http://sitiodonalo.blogspot.com.br/>

O sangue pulsava em sua veia, aquela pele macia implorava para ser mordida, o êxtase lhe tomava conta. Uma mordida vermelha e sangrenta lhe lambuzou os lábios. Seu superior, um vampiro infante com a aparência de um garotinho de treze anos, interrompeu a festa:

— Deixe um pouco para mim Nurian, estou com fome esta noite — disse secamente.

— Como quiser, mestre Samar... — manuseando a moça desacordada como uma boneca de pano, o servo entregou a vítima.

Os hábitos do pequeno vampiro, apesar de sua aparência delicada e centenas de anos como andarrilho da noite, sempre eram violentos e brutais. Ele não se contentava apenas com o sangue, queria também a carne.

Ao término do banquete, Nurian tirou um lenço do bolso:

— O mestre deveria tomar mais cuidado, sempre fica com a boca suja maculando seu belo rosto.

O pequeno ficou indiferente ao comentário, nunca fora uma criança feliz, era sempre frio e insensível, remorso definitivamente não passava por seus pensamentos. Seu mordomo, por outro lado, era forte, atlético, de lábia forte e sedutora. Trazer uma mulher a sua cama era simples, ele sentia no ar a facilidade que teria com esta ou aquela mulher. A última vítima era uma moça com sobrepeso, “fofa” como ele preferia dizer. A falta de autoestima com sua própria imagem a fez um alvo fácil para seus elogios e sorriso meigo. Ela queria muito aquele homem e quis aproveitar. Coitada...

Aqueles olhos verdes de Nurian fitaram o rosto perfeito de Samar ao término da limpeza:

— O que faremos esta noite mestre? Temos ainda muito tempo pela frente.

Entediado, Samar respondeu:

— Podemos procurar por ela...

— Mas, mestre...

Os olhos do infante denunciavam sua raiva:

— Nada de mas! Quero a poção da bruxa agora!

— Pequeno mestre, entenda, ela já o enganou uma vez e vai te enganar quantas vezes forem necessárias para deixá-lo longe dela.

— Eu vou crescer Nurian, não importa quanto tempo leve, eu quero crescer e deixar



esta forma infantil de uma vez por todas! — o servo deu um passo para trás, ele não fora o primeiro mordomo de Samar, nem seria o último a ser estraçalhado por sua fúria.

— Tudo bem mestre, farei como manda...

Indo a seu quarto naquele apartamento luxuoso, o pequeno vampiro foi trocado pelo servo. Nascido de uma família real européia, mantinha os costumes antigos: o mestre nunca se troca sozinho, ele é aparando pelos servos que prontamente atendem a seus pedidos, e assim ele tem mantido por mais de quatrocentas anos.

Desta vez, ele preferiu voar até o novo esconderijo da bruxa: um lugar perdido no meio da selva de pedra da capital, um lugar camuflado por magia sob as extensas pontes da cidade. Ninguém passaria por ali, a não ser um desavisado que seria convidado a entrar e nunca mais sairia. Assim se fez, Nurian temia pela impetuosidade de seu pequeno mestre, uma vez que ele mesmo não se locomovia tão agilmente pelos céus quanto ele.

Ali, debaixo da grande ponte sobre a movimentada avenida, eles pousaram. Aproximaram-se de uma parede pichada e viram a cabeça de uma moça que sumiu de repente.

Nurian foi o primeiro a entrar. Lá dentro havia um grande salão, todo decorado com tecidos e tapetes finos, lembrando o interior das caravanas que percorrem o deserto. Com a demora em trazer a bruxa para fora, Samar entrou. Ele caminhou alguns metros e encontrou seu servo dominado pela bruxa:

— Fora daqui peste miserável! — sua beleza era excepcional, cabelos negros, pele morena sedosa, mas um voz estridente e irritante.

— Me transforme em um homem e eu lhe deixo ir!

— Nunca!

— Que chato, muito chato...

A bruxa piscou por um instante, sentiu seu corpo todo paralisar e seu peito doer. Olhou de volta para Samar e o viu morder algo vermelho em suas pequeninas mãos. Ela caiu suavemente.

— Mestre? — disse o mordomo, acordando da hipnose.

— Me cansei dela, estava com fome...

— Vamos, você precisa se limpar de novo — e, acostumado, repousou a mão na cabeça de Samar. — Você sempre será meu faminto pequeno mestre...



O sombrio poder da eternidade

Stefany Albuquerque - morticianaghtshadedaimon@gmail.com



Seu olhar profundo, descrevia o medo e a dor. Seu ombro sangrando estava perfurado com um pedaço de madeira. A dor o imobilizava.

Seus olhos ainda hipnotizavam os meus, mas não com a mesma intensidade. Podia me mover e poderia até escapar, mas já era tarde demais para fugir.

Três tentativas de escapar eu tive. A primeira foi um sucesso até chegar perto das matas onde um lobo me atacou, mas antes que o lobo me devorasse, ele, por sua vez, me salvou e me trancou neste quarto escuro e sombrio. Agora ele compartilhava da mesma solidão, do mesmo medo.

A segunda tentativa foi um tanto sofrida, ao tentar escapar pela janela, escorreguei da trepadeira que cercava a janela até a sacada da casa. Caindo sobre o piso de concreto, minha cabeça sentiu o impacto doloroso, desmaiei com a dor.

A terceira foi um descuido dele, o sol nasceu e o impedia de sequer querer sair de seu túmulo úmido e gelado. Mas ao passar por entre as matas avistei um grupo de caçadores perseguindo um cervo. Pedi-lhes ajuda, mas suas intenções eram outras, corri por entre as matas até tropeçar em galhos secos e folhas mortas. Dois deles me atacaram, seguraram minhas mãos e rasgaram minhas vestes. Então uma estranha tempestade pairou sobre nós e nuvens negras cobriram o sol.

Rapidamente ele apareceu e uma luta ele iniciou, mesmo conseguindo matar todos, ele foi ferido. O arrastei como pude até o início da estrada. Ele estava sangrando muito e mal podia se mover. Fixou seu olhar no meu, e uma estranha vontade de salvá-lo veio à tona. Aguardei seus braços e o levantei, carreguei-o até a sala de entrada. Deitei sua cabeça em meu colo e afastei o cabelo que cobria sua face. Seus olhos verdes, mais verdes que as matas que cercavam a casa, me seduziam em um olhar selvagem. Cada parte do seu corpo era colírio para os meus olhos, mas ainda sentia-me presa ao nada. Não podia se quer gostar dele ou mesmo amar, seu coração não bate e isso me impedia de receber o mesmo que sinto.

Aos poucos fui levando ele até o frio e sombrio quarto onde estamos.

— Não me deixe, fique comigo minha joia rara.

Seus olhos derramavam lágrimas de sangue.

— Não sei o que seus olhos têm, mas me Impedem de deixá-lo aqui.
Não irei abandoná-lo.

— Preciso de algo que pulsa dentro de você, algo que o meu corpo não tem mais.

Minha visão estava ficando turva e meus movimentos fracos.

— Não consigo me mover.

Ele se levanta com cuidado e segura meu pulso em suas mãos.

— A dor é um sinal claro que ainda existe vida, quando a dor passa à não existir é quando...

Ele mostra seus caninos e morde meu pulso.

A dor sucumbe meu peito, rasga a carne, entristece a minha alma.

— Quando... Não há mais vida.

Ele morde seu pulso e derrama sobre o meu lábio seu sangue. Um sangue amargo e salgado podiam sentir nele a morte. Um grito de horror tomou o quarto sombrio e o fez sorrir em meio ao caos. A estaca que estava em seu ombro aos poucos foi saindo de sua pele, ela se fecha como se nada tivesse a perfurado. Meus gritos trouxeram a chuva novamente e uma tempestade que não teria mais fim. Suas mãos fortes seguraram as minhas e a dor apenas aumentou. Seus olhos me hipnotizaram novamente, ele soltou suas minhas mãos e me deitou sobre seu colo, retirou meus cabelos que cobriam a minha face e fechou minhas pupilas.

— Não há mais pelo que lutar. A vida está deixando você... Deixe que a morte a abrace em seu sono profundo. A morte a quer agora.

Meu ar parecia não mais existir, o tom negro do quarto cobriu meus olhos e a escuridão abraçou o que eu chamava de vida. Eis que a pintura mais bela que já havia visto, apenas era um borrão de tinta negra.



ADORÁVEL NOITE

Meus olhos descansam, minha mente se escurece. Eis que a morte é a minha última carta jogada sobre a mesa.

— Não deduza como a última carta, mas como a melhor escolha a ser feita. Pois a vida renasce em você.

O primeiro suspiro foi seco sem ar, a falta do ar não me incomodava, mas mantinha a imagem de que eu poderia não ser mais real.

O segundo foi a confirmação de que o ar não era mais necessário para mim.

O terceiro abriu meus olhos que por sua vez, enxergou luz em meio à escuridão, ouviu o que não podia ser ouvido por ninguém, senti o que não poderia ser sentido fora do planeta. A paz que minha alma tanto almejava jamais estaria tão perto, jamais existiria, jamais a desejaria novamente. Mas o sabor daquele sangue amargo ainda era presente em meus lábios, criava uma vontade louca de ter mais e mais. Aquele néctar que aquecia o meu gélido corpo, molhava meus lábios num doce rubro. O vermelho era a cor que mais chamava a atenção dos meus olhos. Por sua vez ele esticou o mesmo braço que havia mordido para que eu saciasse a minha fome.

Sem sequer pensar duas vezes, meus caninos se sobressaíram e perfuraram seu pulso que já havia se recuperado de sua mordida. Sem jeito, o mordo com força dilacerando a carne. Ele sorria de um prazer inestimável que o deixava cada vez mais satisfeito.

— Beba, minha joia rara, beba meu néctar, beba a sua nova vida.

Seu sangue deixava-me em um êxtase profundo. Durante alguns minutos saciei-me de seus sangue.

— Pare minha joia rara, já bebei o suficiente.

Meu desejo era de mais e mais, não conseguia parar, nem sequer pensava nisso. Ele me afastou, mas continuava em cima dele, minhas mãos o seguravam e o arranhavam. Ele tentava esquivar mais mal conseguia. Então em voz alta ele disse.

— Pare agora, eu ordeno!

Na mesma hora parei e deixei de tocá-lo. Não entendia o porquê, mas fiz o que ele havia ordenado.

— Estou um pouco confusa. Não sei o que está acontecendo comigo.

— Minha joia rara, tudo parece assustador para você agora, mas saiba que te dei o mais poderoso de todos os dons. Agora você é como eu sou.

— Me sinto um monstro a beber seu sangue.

Passo meus dedos em meus lábios e sinto meus caninos, pontudos como um punhal. Acabo furando meu dedo e o fazendo sangrar por alguns segundos, mas o ferimento se fecha. Meus olhos enxergavam os menores detalhes do sangue e das minhas digitais.

— Como posso ver isso sem ajuda de...

Ele me interrompe com uma gargalhada.

— Esta em minhas mãos há quatro meses e não sabe o que eu sou? Me vê nas noites a rastejar pelas paredes, a murmurar encantos. Vê os empregados desaparecerem todas as noites, ouve gritos de horror saírem das paredes do meu quarto e me vê dormir em caixões de madeira. Vê tudo isso acontecer e ainda não sabe o que eu sou? O que você é?

— Você é um animal, E me transformou na mesma fera. Acabe com isso agora, mata-me sem dó.

Ele novamente gargalha.

— Pare de ser tola, não quero destruir a minha criação. Terá que conviver com isso joia rara.

— Não sou sua joia rara.

Minha voz ecoou pela casa, a chuva ficou mais forte.

Um raio caiu entre as matas fazendo um clarão tenebroso que iluminou o quarto.

— Seus olhos enxergam mais do que você imagina.

Ele some rapidamente.

— Não me deixe aqui assim dessa maneira.

— E por que eu faria isso?

— Estou com medo, medo do meu próprio eu.

Sinto sua presença, sinto sua respiração em meu pescoço.

— Medo de ser o que você nasceu para ser.

— Não nasci assim. Você me transformou nisso.

ADORÁVEL NOITE

— A morte te abraçaria em alguns anos e nada poderia fazer, mas dei a você a juventude eterna, uma outra vida.

— Por quê?

Ele segura minhas mãos junto ao seu peito.

— Porque você minha joia rara, tentou diversas vezes escapar das minhas mãos, mas está aqui ao meu lado. Sabe quem eu sou e sabe que esse era o seu único caminho. Minha vítima se tornou minha obra prima. Juventude minha querida é magnífica.

— Juventude não é nada comparada com a vida que eu tinha uma vida antes de tudo isso.

— Você ainda á tem, assim como a sua juventude que será eterna. Me abraçe e deixe aflorar sua nova vida, a sua beleza que será eterna.

Eu o abraço, já que não tenho mais nenhuma escolha, meus olhos se fecham em uma fração de segundo, estamos em um dos quartos da casa.

Um quarto bem iluminado, com uma cama enorme e lençóis vermelhos. Havia enormes espelhos, que cobriam a parede do quarto. Vejo meu rosto, como ele está modificado, meus olhos castanhos, brilhavam intensamente, O sangue que havia em meus lábios se misturavam tornando-se um só. Minha pele estava fria, um tanto pálida. Meus cabelos negros estavam molhados, assim como as minhas vestes, que agora eram pedaços de pano, que tentavam cobrir o que já não podia ser coberto. Sim, Eu havia mudado e não só fisicamente, mas mentalmente. Eu me sentia bem ao me ver dessa forma, mas me assustava imaginando como seria daqui para frente. Meu nome, que não foi pronunciado nem por ele e nem por mim, ficará na escuridão assim como a minha antiga vida. O nome dele permaneceu em um poço fundo e escuro, onde nem mesmo a doçura pôde descobrir a sua verdadeira face. Não me importo mais com o que eu era, porque por um instante, percebi que jamais seria como antes, jamais tomaria aquele chá da tarde, com a família, em volta de uma mesa redonda de frente para o bosque. Jamais sentiria o sol bater em minha pele e corar o meu rosto. Jamais beijarei lábios quentes por pura paixão ou por um simples afeto. Porque eu mudei e sei que o chá da tarde seria um desastre, pois a bebida que me atrai está na jugular das pessoas presentes. O gosto do chá já não me satisfaz, muito menos me atrai, a bebida que sacia a minha sede e mata a minha fome corre por entre as veias do corpo. Aquele beijo doce e quente de toques envolventes, jamais seria o mesmo. Ao beijar um homem comum, meus olhos o hipnotizarão e farão com que ele se entregue para mim, sem medo, sem relutar. E, em seguida, saciaria minha sede eterna em lábios quentes, que terminariam em lábios frios e com a alma gélida.

Jamais farei as coisas que fazia antes, pois agora me tornei essa criatura, que para permanecer neste mundo, necessita do sangue de quem ainda não saiu dele.



VAMPIROS!

Por: Adriano Siqueira
siqueira.adriano@gmail.com



Eternas criaturas noturnas! Que seu legado permaneça nas mentes dos homens através da sua sedução, do seu prazer e da sua fome que será sempre... Insaciável!

Se você escreve contos de vampiros ou poemas e quer colocar neste fanzine envie uma mensagem para siqueira.adriano@gmail.com com o assunto "contos para o Fanzine Adorável Noite" para avaliação e provável inclusão. Peça a gentileza de enviarem contos pequenos para ter mais participações.

Abraços e tenham todos
uma Adorável Noite

Adriano Siqueira